



## **Violência Simbólica: O Discurso dominante do Poder Simbólico nas Interações em Fanpages sobre Aplicativos no Facebook<sup>1</sup>**

Suélen FREDA<sup>2</sup>

Raquel RECUERO<sup>3</sup>

Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS

### **RESUMO**

O presente artigo foca a violência discursiva e na propagação da violência simbólica através do discurso em sites de rede social. O objetivo é analisar os mecanismos através dos quais a relação de poder simbólico e relação de dominação são expostos e reforçados no Facebook, através de conteúdos publicados por fanpages sobre aplicativos. Para trazer evidências para esta discussão, apresentamos dados de duas fanpages "Não aguento quando" e "Tubby App" onde analisaremos uma postagem de cada e seus comentários através da Análise do Discurso Mediado pelo Computador (CMDA).

**PALAVRAS-CHAVE:** aplicativos; facebook; poder simbólico; dominação.

### **INTRODUÇÃO**

O crescimento do uso do Facebook no Brasil<sup>4</sup> nos últimos anos permitiu a transferência de contextos e práticas históricas para os novos processos de comunicação e para os discursos nas redes sociais online. Este artigo busca explorar uma dessas práticas: o uso do Facebook, mas especificamente as fanpages, como ferramenta discursiva que é capaz de propagar a violência simbólica. Para esta discussão, escolhemos focar em duas fanpage, "Não agüento quando" e "Tubby App" onde foram escolhidas duas postagens que falam sobre dois aplicativos o Lulu e o suposto Tubby (este último não chegou a ser lançado). A hipótese que guia o trabalho é a violência discursiva onde a quebra das normas de polidez ocasiona práticas de poder simbólico e dominação masculina.

### **1. Sites de Redes Sociais**

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 5 – Rádio, TV e Internet do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pelotas, email: suelenafreda@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas, email: raquelrecuero@gmail.com

<sup>4</sup> O Facebook hoje congrega mais de 65 milhões de usuários brasileiros e o Brasil contabiliza a segunda maior população dos mais de um bilhão de usuários da ferramenta no mundo (Fonte: Social Bakers, 2012)



O estudo das redes sociais explicando de uma forma mais ampla é o estudo dos “agrupamentos sociais estabelecidos através da interação mediada pelo computador” (RECUERO, 2009, p. 25). De acordo com Recuero (2012), uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais, ou seja, as relações estabelecidas entre os indivíduos). Diferentes redes sociais podem ser formadas em diversos lugares no qual aconteçam relações sociais. Na internet, essas redes possuem maior visibilidade através dos sites de redes sociais. Espaços que se caracterizam por persistência, buscabilidade, audiências invisíveis e replicabilidade (Boyd, 2007, *apud* ZAGO, 2013). Portanto, deixam rastros visíveis que podem ser buscados e facilmente reproduzidos por qualquer pessoa.

No Facebook<sup>5</sup>, a representação de um ator é seu perfil onde ele escreve todas as suas informações e escolhem quais serão visíveis publicamente e quais serão mais privadas, onde em primeiro momento somente seus amigos terão acesso. Outra ferramenta do Facebook é a fanpage ou página de fãs, primeiramente direcionada para empresa e marcas ou pode ser apropriada para reunir pessoas com um interesse em comum. Em ambos, os atores têm a oportunidade de ter acesso ao perfil de amigos e conhecidos (e desconhecidos também), e é partir da relação com eles que este usuário pode “construir seu eu” através das suas interações. O Facebook também libera um “login universal”, o Facebook Connect, liga as contas, e o usuário passam a logar em site terceiro, neste caso a ser analisado, os aplicativos, através da sua conta no Facebook. Com a possibilidade de compartilhar informações pessoais como nome, avatar e outras coisas do tipo. Veremos a seguir alguns pontos sobre os aplicativos que serão comentados neste estudo.

### **1.1 Aplicativos – Lulu e Tubby**

Neste trabalho não analisaremos os aplicativos em si, mas faremos uma breve análise sobre postagens de fanpages relacionados aos aplicativos Lulu e Tubby. O Lulu<sup>6</sup> é um aplicativo gratuito lançado em fevereiro de 2013 que pode ser baixado na App Store ou no Google Play. O Lulu é um aplicativo que permite que as mulheres avaliem os homens que conhecem, no anonimato. Elas respondem perguntas sobre humor, bons modos, ambição, comprometimento, aparência e ainda podem apontar qualidades e

---

<sup>5</sup> <https://www.facebook.com>

<sup>6</sup> Site do aplicativo Lulu: <http://company.onlulu.com/br/deardude>



defeitos. No fim, o aplicativo dá uma nota para o avaliado, que fica visível para outras mulheres. O Lulu funciona como todos os apps que usam o Facebook Connect. Então cada vez que uma mulher faz o registro na ferramenta, ele importa os dados dos contatos que ela tem no Facebook. Os homens que não querem ser avaliados podem pedir através do site para retirarem o seu perfil do aplicativo.

O Tubby<sup>7</sup> foi o suposto aplicativo que seria lançado no final de novembro de 2013, seguindo a mesma linha de avaliação do Lulu, o app seria disponibilizado somente para os homens a fim de avaliar as mulheres de forma anônima. O suposto app gerou diversas discussões sobre ser inapropriado. Entretanto, os criadores do aplicativo revelaram que o lançamento do app nunca existiu e, na verdade, se tratava de uma campanha para conscientizar as pessoas dos limites da exposição da intimidade e dos riscos da violação da intimidade, de acordo com um vídeo<sup>8</sup> publicado no YouTube pelos criadores.

## **2. Polidez e Ameaça a Face**

Quando uma pessoa interage com outras pessoas, existe geralmente alguma razão que leva ela atuar de determinado modo a fim de transmitir o que é desejado e o que interessante para outra pessoa. Diante disso, usaremos neste trabalho os conceitos de polidez e ameaça a face do autor Erving Goffman. O autor trabalha com o conceito de “face”, que se refere ao um conjunto de valores aprovados socialmente, imagem positiva que é construída durante as interações (GOFFMAN, 1967). Nestas interações os atores contribuem para as normas sociais em conjunto. “Aplica não tanto num acordo real sobre o que existe, mas antes num acordo real quanto às pretensões de qual pessoa, referentes à quais questões, serão temporariamente atacadas” (GOFFMAN, 1967, p. 18).

Essas normas sociais de interação que ao autor apresenta tratam-se da Polidez, ritual, para preservar a manutenção da interação face a face. Para Goffman (1967), é o modo de organização da sociedade que tem por base a que qualquer indivíduo tem o direito de esperar que os outros valorizem os seus atributos sociais e o tratem de maneira adequada. Porém, em tais ocasiões o indivíduo cuja representação tenha sido desacreditada pode se sentir constrangido enquanto os outros presentes podem tornar-se

---

<sup>7</sup> Site do suposto aplicativo Tubby: <http://www.tubbyapp.com/>

<sup>8</sup> Link para o vídeo que os criados do Tubby disponibilizaram para apresentar a proposta do falso app: <http://www.youtube.com/watch?v=DDbNnwRLqhA>



hostis gerando um colapso no sistema social da interação face a face, ocasionando então o que o autor chama de ameaça a face. Portanto essas ameaças a face quebram as normas de polidez estabelecidas no início da conversação ocasionado o início ao um discurso fortalecido pelo poder e violência simbólica.

### **3. Violência e Poder Simbólico**

Nem sempre a violência se apresenta como um ato, como uma relação, como um fato, que possuam uma estrutura facilmente identificável. Odália (1985), apresenta na sua reflexão o ato violento que se insinua frequentemente, como um ato natural, cuja essência passa despercebida. “Perceber um ato como violência demanda do homem um esforço para superar sua aparência de ato rotineiro, natural e como que inscrito na ordem das coisas” (ODÁLIA, 1985, p. 22). Ela fala da relação entre os atos violentos dos indivíduos com a necessidade da organização como coletivo:

O homem vive em sociedade, isto quer dizer que ele tem necessidade de organizar sua vida em relação ao outro e como coletividade. Ele tem de definir, de forma mais ou menos clara, limites de sua ação. Nesse sentido, viver em sociedade significa criar normas de comportamento, que não só determinam esferas específicas de ação para os homens, mas também criam discriminações. Elas se estabelecem o que é permitido e o que é proibido (ODÁLIA, 1985, Pag. 36 e 37).

Portanto, o viver em sociedade exige normas de comportamentos e se não forem cumpridas conforme o esperado pelos indivíduos pode gerar discriminações levando ao ato violento que aparenta ser natural. Podemos relacionar essa naturalização do comportamento com o estudo do poder simbólico de Bourdieu (2000). Para ele o poder simbólico tem, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que exercem. “Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes as relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais” (BOURDIEU, 2000, p. 46). De acordo com o autor os sistemas simbólicos cumprem a sua função de ser instrumentos de imposição a dominação de uma classe sobre a outra, tornado assim a violência simbólica. Para Bourdieu (2004) existem dois extremos das estratégias simbólicas dos agentes para impor a sua visão da divisão do mundo social e da sua posição. “O insulto, pelo qual um simples particular tenta impor o seu ponto de vista correndo o risco da reciprocidade; a nomeação oficial, ato de imposição simbólica que tem a seu favor toda a força do coletivo, do consenso, do senso comum”



(BOURDIEU, 2004, p. 146). No caso do último, a nomeação oficial, a relação é de um monopólio da violência simbólica legítima. Logo, a ordem simbólica e o poder de nomeação são estratégias que fazem parte desse poder simbólico que segundo Bourdieu (2000) é capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia. Portanto, o fato desse estudo utilizar o termo simbólico do autor Bourdieu não significa a minimização do ato da violência física, mas sim uma atenção maior para a naturalização desta ordem de dominação masculina história.

#### **4. Dominação Masculina**

Neste trabalho quando falamos em dominação simbólica e ordem social estamos nos referindo à dominação masculina perante a submissão feminina. Esta dominação simbólica e história acontecem através da divisão entre os sexos que parece estar “na ordem das coisas”. Bourdieu (2004) diz que ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas, em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e no habitus dos agentes. Segundo Bourdieu (2004) a relação entre os dominados perante os dominantes podem desencadear de duas formas: vergonha, humilhação, timidez, ansiedade, culpa – ou de paixões e de sentimentos – amor, admiração e respeito. Portanto, estes efeitos podem sobreviver durante muito tempo através dos sentimentos que são confundidos muitas vezes na experiência do respeito e do devotamento afetivo.

Conforme Bourdieu (2004) a dominação masculina que constitui as mulheres como objetivos simbólicos têm por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica. “Elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivo, atraentes e disponíveis” (BOURDIEU, 2004, p. 82). O autor relaciona o corpo da mulher com a disponibilidade simbólica:

O corpo feminino, ao mesmo tempo oferecido e recusado, manifesta a disponibilidade simbólica que, como demonstraram inúmeros trabalhos feministas, convém a mulher, e que combina um poder de atração e de sedução conhecido e reconhecido por todos, homens e mulheres, e adequado a honrar os homens de quem depende ou aos quais está ligada, com um dever de recusa seletiva que acrescenta, ao efeito de “consumo ostentatório”, o preço da exclusividade. (BOURDIEU, 2004, p.83).

Logo, podemos relacionar este preço da exclusividade com os fatores de permanência que acrescentaram nesta ordem de dominação. A família, Igreja, Estado,



Escola, são agentes e instituições que, com pesos e medidas diversas em diferentes momentos, contribuíram na história para as relações de dominação masculina agindo na estrutura do inconsciente. (BOURDIEU, 2004). Porém, diversos fatores de mudança surgiram para minimizar esses feitos, como por exemplo, o trabalho crítico do movimento feminista, o aumento das mulheres ao acesso ao ensino superior, ao trabalho assalariado e, com isso, a esfera pública; é também distanciamento em relação às tarefas domésticas. Bourdieu (2004) lembra que mesmo com essas mudanças visíveis a desigualdade permanece dando continuidade a dominação masculina.

## 5. Metodologia

O trabalho proposto tem como objetivo observar como o poder e a violência simbólica são reproduzidos nos sites de rede sociais através da dominação de gênero. Compreendemos que quanto mais específica for à abordagem metodológica mais completa serão os resultados da pesquisa, levando em conta que o estudo de caso deste trabalho se refere às relações estabelecidas no Facebook. Portanto, escolhemos por aplicar o método lingüístico proposto pela Susan Herring (2004 e 2012). O método Computer-Mediated Discourse Analysis (CMDA), isto é, Análise do Discurso Mediado pelo Computador, tem por objetivo pensar nas relações mediadas pelo computador e como elas significam. Analisando o discurso social, histórico e culturalmente construído no ambiente online pelos atores sociais. Herring (2004) estipula quatro níveis para análise da CMDA, são eles: a estrutura, o sentido, a organização da interação e o fenômeno social. Logo, estes pontos da lingüística nos auxiliaram na investigação dos discursos, através da coleta de dados das informações propostos na pesquisa. (Ver tabela1).

**Tabela 1: Quatro níveis da CMDA, adaptado de Herring (2004)**

<b>Nível</b>	<b>Questões</b>	<b>Fenômeno</b>	<b>Métodos</b>
<b>Estrutura</b>	Oralidade, formalidade, eficiência, expressividade, complexidade, características de gênero e etc.	Tipografia, ortografia, morfologia, sintaxe, esquema do discurso, convenções de formatação e etc.	Linguística estrutural e descritiva, Análise textual, Corpus lingüístico, estilística etc.



<b>Sentido</b>	Qual é a intenção O que é comunicado O que é realizado	Sentido de palavras, atos de fala, locuções, trocas e etc.	Semântica e pragmática.
<b>Interação</b>	Interatividade tempo, coerência, reparação, interação como construção e etc.	Turnos, sequenciamentos, trocas e etc.	Análise da Conversa e etnometodologia.
<b>Comportamento Social</b>	Dinâmica social, poder, influência, identidade, comunidade, diferenças culturais etc.	Expressões linguísticas de status, negociação de conflito, gerenciamento da face, jogos, discurso e etc.	Sociolinguística interacional, Análise Crítica do Discurso, Etnografia da comunicação.
<b>Comunicação Multimodal<sup>9</sup></b>	Efeitos do modo, coerência do cruzamento de modos, gerenciamento de endereçamento e referência, espalhamento de unidades de sentido gráficas, co-atividade de mídia e etc.	Escolha do modo, texto-na imagem, citações em imagens, animação, deixis e posição espacial e temporal, etc.	Semiótica social, análise de conteúdo visual e etc.

A partir da Tabela 1 é possível analisar a maneira com que os usuários perpetuam o poder e a violência simbólica a respeito da dominação dos gêneros através das interações dos atores nos sites de rede social. O Facebook foi escolhido por deixar visível tais relações, o que auxilia a análise. Para este trabalho, optamos por analisar duas fanpages diferentes. Nestes espaços os usuários costumam acessar conteúdos que apontam a violência implícita e explícita através do sexismo e preconceito velado na nossa sociedade, tanto em postagem como forma de denuncia como na proliferação da violência simbólica.

## 6. Análise

<sup>9</sup> Essa última categoria é proposta e discutida por Herring em novo trabalho (2012) e não fazia parte das características propostas inicialmente em 2004. A inclusão desta categoria é proposta diante do advento do que a autora chama de Web 2.0, os novos ambientes do discurso que projetam novos padrões de uso, novos contextos de linguagem, convergentes e hipermediáticos.

Observamos livremente diversas fanpages entre o mês de novembro e dezembro de 2013, até encontrar o conteúdo que julgamos pertinentes para análise. A primeira chama-se Não aguento quando<sup>10</sup>, é curtida por 110.505 usuários e possui a descrição “Aqui a liberdade é a voz de muit@s” Não agüento quando é uma fanpage baseada na denuncia de pequenas atitudes que mostram o sexismo e preconceito da sociedade. A Postagem 1 foi publicada no dia 24 de novembro e coletada no dia 28 de novembro. A outra fanpage escolhida foi a Tubby App<sup>11</sup>, com 24.913 fãs e com a sua ultima atualização da descrição “Não é trollagem, é mensagem.” É importante ressaltar que esta fanpage foi criada em novembro de 2013, para um suposto aplicativo que tinha como objetivo avaliar o desempenho sexual das mulheres de forma anônima. Porém, o aplicativo nunca existiu e por isso a sua descrição mudou diversas vezes durante a coleta dos dados. Para facilitar a visualização dos dados, criamos uma tabela para identificar cada elemento analisado.

**Tabela 2: Quadro de identificação de cada elemento**

Nome	Imagem	Texto	Curtidas	Compart.	Coment.
Post 1		Frase 1: Revanchismo ou Igualdade? Frase 2: #dásono Frase 3: #bompartido Frase 4: #lavaepassa	183	18	160
Post 2		Frase 1: Mulheres Frase 2: Se vocês estão com muito medo do que fizeram no verão passado, já podem se descadastrar.	355	193	395

<sup>10</sup> Link da fanpage - Não aguento quando: [www.facebook.com/NaoAguentoQuando](http://www.facebook.com/NaoAguentoQuando)

<sup>11</sup> Link da fanpage – Tubby App: [www.facebook.com/TubbyApp](http://www.facebook.com/TubbyApp)

a) **Estrutura:** A postagem 1 é composta por uma pequena pergunta na parte superior em letras maiores e com o fundo em destaque em outras cores. A postagem também é composta por três hashtags sobre o aplicativo Lulu no centro da imagem. E a parte inferior é composta com o nome da fanpage além de outra hashtag com o intuito da postagem. A postagem 2 é composta de apenas duas frases. O primeiro enunciado acima da imagem apresenta letras maiores em destaque, mostrando a quem se refere à mensagem, neste caso as mulheres. Logo, apresenta-se um espaço respiro, para a reflexão do leitor antes da segunda frase. Esta segunda frase apresenta o objetivo da mensagem em letras menores e em tom mais claro. Além disso, ambas as postagens possuem um número de compartilhamentos, curtidas e comentários que aparece logo após as imagens proporcionadas pelo Facebook. Logo, consideraremos como parte da análise porque atuam diretamente na construção de sentido.

b) **Sentido:** o principal sentido da imagem na postagem 1 está na pergunta “revanchismo ou igualdade?” onde abrem a discussão para os usuários sobre o aplicativo Lulu. Como o app se trata das mulheres poderem avaliar anonimamente os homens. Para ilustrar, a fanpage mostra algumas hashtag do app como: “#dasono #bompartido #lavaepassa”. Com o objetivo de abrir a discussão se o aplicativo é uma forma de revanchismo perante as avaliações que as mulheres recebem no dia a dia ou se é uma forma de igualdade de ambos os sexos se avaliarem. A pergunta serve como normas sociais, como uma forma de guiar a discussão, referente à quais questões serão temporariamente atacadas (GOFFMAN, 1967).

Para entendermos o sentido da postagem 2, primeiramente, é preciso lembrar que a fanpage tratava-se de um lançamento de um suposto aplicativo que tinha por objetivo os homens poderem avaliar anonimamente o desempenho sexual das mulheres que tinham nos seus contatos do Facebook. Pelo fato de somente homens poderem baixar o aplicativo (que não chegou a ser lançado) os administradores avisam através desta imagem que as mulheres que não queiram fazer parte do aplicativo podem entrar no site do Tubby App e se cadastrar. A segunda frase apresenta uma associação de forma irônica ao filme e terror “Eu sei que vocês fizeram no verão passado<sup>12</sup>”.

Observamos como uma forma sutil de ameaça para avisar as mulheres que se elas fizeram alguma coisa que tenham medo que os outros descubram que podem sair

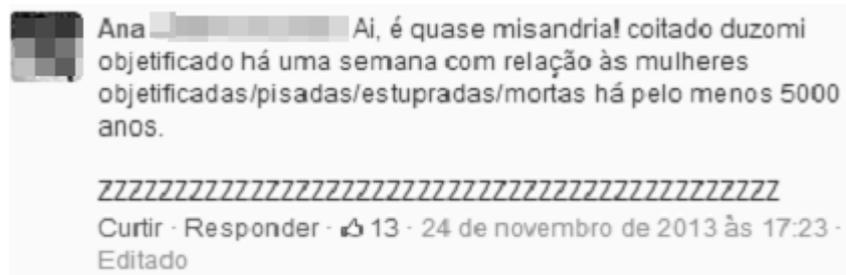
---

<sup>12</sup> Trailer do filme Eu sei o que vocês fizeram no verão passado: [www.youtube.com/watch?v=4h8IOKujadk](http://www.youtube.com/watch?v=4h8IOKujadk)

do aplicativo para não serem avaliadas. Consequentemente, esse tipo de comportamento ocasiona a dominação simbólica de (BOURDIEU, 2004), onde a dominação masculina que constitui as mulheres tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica, logo, com medo de terem a sua face ameaçada (GOFFMAN, 1967).

**c) Interação:** A interação na postagem é feita através de três elementos: curtidas, compartilhamentos e comentários. Estas ações vão caracterizar o tipo de interação do usuário em relação ao conteúdo postado que contextualizam a mensagem. Além de permitir a persistência, buscabilidade, audiências invisíveis e replicabilidade do conteúdo (Body, 2007, *apud* Zago, 2013). A curtida tem carga positiva e vai legitimar a postagem ou o comentário sobre a postagem. Já o compartilhamento faz a propagação da mensagem reuplicando o conteúdo. Nesta ação o usuário que compartilhar a mensagem pode atribuir valor positivo ou negativo a mesma e assim mudar o seu contexto. E é nos comentários onde aparecem as discórdias, pois, nesta interação é que tem o espaço para o questionamento. A postagem 1 recebeu ao total 183 curtidas, 18 compartilhamentos e 160 comentários.

Antes de fazermos uma breve análise sobre os comentários, é importante ressaltar que está postagem foi feita antes da divulgação do suposto aplicativo Tubby, onde analisaremos a seguir na postagem 2.



**Figura 01: Comentário da postagem 1**

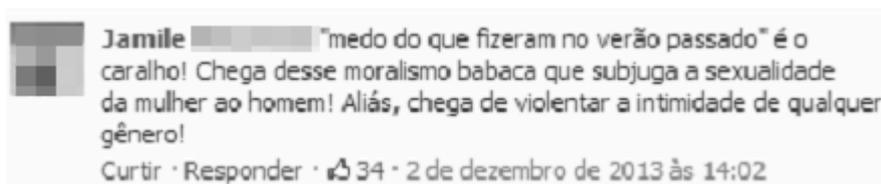
Notamos no comentário da figura 01 feito por um perfil de identificação feminina sobre o aplicativo Lulu. No contexto do discurso vimos à presença de ironia. Falando que o aplicativo para avaliar os homens é “quase misandria”, no caso, ódio e desprezo ao sexo masculino. Fazendo uma comparação sobre a objetivação dos homens através do aplicado, não é nada comparado ao que as mulheres sofrem em todo o período da história (BOURDIEU, 2004). Para finalizar ela coloca diversos “ZZZZZZZ...” que significa sono na linguagem da internet e relacionado ao contexto da

interação, mostra desinteresse pelo assunto. A figura mostra também a legitimação do curso, através das quinze curtidas de outros usuários que o comentário recebeu.

Em geral, notamos como uma forma de regra geral da postagem a presença de normas de polidez (GOFFMAN, 1967) na interação. Onde os usuários mantêm um discurso harmonioso. Este comportamento na interação pode ocorrer pelo fato da dominação da presença de usuários com identificação feminina, que compartilham das mesmas ideias. Neste caso, um grupo mais homogêneo presente na rede do que o grupo analisando na postagem a seguir.

No caso da postagem 2 foram ao total 355 curtidas, 193 compartilhamentos e 395 comentários. O primeiro comentário é do próprio perfil do suposto aplicativo completando a informação do porque fizeram isso: “Pessoal, isso é só pra diminuir o nosso número de processos”. Mesmo assim, muitos dos comentários femininos tendem a atribuir valor negativo à postagem, mesmo sendo um aviso para descadastramento, pois alegam que mesmo com a opção não conseguem sair do aplicativo. Este fato gerou um tumulto onde deu início a uma série de discursos, questionamentos e discórdias entre os usuários, geralmente entre perfil feminino e masculino, gerando um discurso hostil através da violência simbólica (BOURDIEU, 2004).

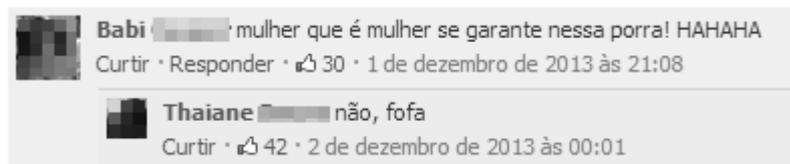
Na figura abaixo vimos o comentário de reprovação sobre o app, feito pelo um perfil de representação feminina. O comentário que fala sobre o moralismo que subjuga a sexualidade tanto da mulher como do homem. E sobre violentar a intimidade de qualquer gênero. Esta violência da intimidade em forma de avaliação anônima não apresenta desgaste de energia física. Porém, traz efeitos reais e sérios através do poder simbólico perante a intimidade (BOURDIEU, 2000). Deixando em permanente estado de insegurança corporal, ocasionando a violência simbólica (BOURDIEU, 2000) através da dominação masculina (BOURDIEU, 2004).



**Figura 02: Comentário da postagem 2**

Na figura de número 03 temos dois comentários interligados, ambos feitos por perfis de representação feminina. Porém com pontos de vista opostos sobre o assunto, o primeiro comentário apresenta a ideia que mulher que é mulher se garante no aplicativo, junto com risos presentes na frase. Este comentário recebeu 30 legitimações em forma

de curtidas, e um comentário sobre a reprovação, onde recebeu um maior número de curtidas do que o anterior. O primeiro comentário apresenta a opinião oposta da maioria dos perfis femininos presentes na discussão, com um tom de diversão sobre o assunto, quebrando a ordem natural (GOFFMAN, 1967) do que é esperado na interação. Além disso, notamos que existem mais usuários presentes nestas interações. Mesmo com apenas duas pessoas comentando com frases curtas, ao total foram 72 pessoas que curtiram uma das duas mensagens, legitimando uma posição diferente, que inicialmente não estavam na conversa, propagando a mensagem (Boyd, 2007, *apud* ZAGO, 2013).



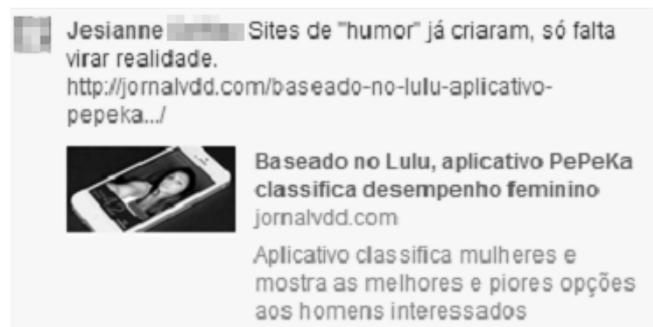
**Figura 03: Comentário da postagem 2**

**d) Comportamento Social:** o comportamento social dos comentários sobre a postagem 1 se caracteriza por expor os diferentes pontos de vista dos usuários sobre o aplicativo. Pelo fato da fanpage analisada na postagem 1 ter na descrição uma forma de denúncias de atitudes machistas, a maioria dos seguidores é do sexo feminino, uma rede homogênea. Logo, este fato faz com que de certa forma anule as chances de uma discussão hostil. Nos discursos das interações, onde a grande maioria são mulheres, presenciamos a repetição de algumas palavras, por exemplo: “objetivação, injusta, sexualidade, privacidade, exibição, feminismo, igualdade, ofensivo, machismo, vingança, babaquice, abusivo, julgada, divertido, desnecessário, entre outros”. As palavras citadas além de mostrar o comportamento social bem diversificado. Também demonstram o debate sobre a violência e dominação simbólica (BOURDIEU, 2004), mesmo não carregando estes nomes específicos. Também está presentes o meio termo nas opiniões, tratados neste trabalho como comentários neutros, neste caso, de opinar negativamente sobre o aplicativo, mas ao mesmo tempo achar que é oportunidade dos homens se colocarem no lugar das mulheres em serem avaliados também negativamente.

Na postagem 2, observa-se um reforço e legitimação, através da violência simbólica. O estigma proposto é aquele da mulher onde se referem como “vadias”, comentários com atributos negativos ou desprestigiados. O poder simbólico (BOURDIEU, 2000) é exercido pelos sujeitos que propagam e que são, ao mesmo tempo, vítimas e agressores da violência simbólica do sentido construído. Vimos que

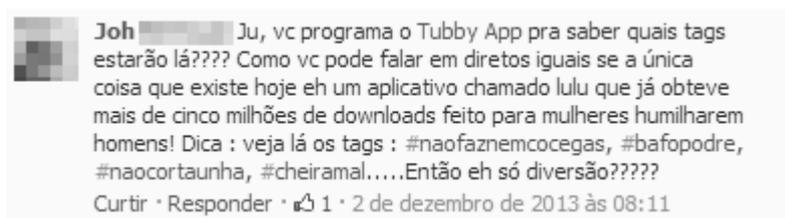
tantos em perfis de representação masculina como feminina usam o discurso para se defender e atacar, com isso cria e fortalece estereótipos de dominação.

e) **Comunicação Multimodal:** a figura número 04 apresenta um exemplo de comunicação multimodal na postagem 1. Onde um perfil coloca um link no seu comentário sobre uma matéria retirada de um site de humor sobre um aplicativo de avaliação.



**Figura 04: Exemplo de comunicação multimodal na postagem 1**

A figura 05 mostra outro exemplo de comunicação multimodal da postagem 2. Vimos um perfil marcar mais o próprio aplicativo Tubby App e taguear algumas hashtag sobre as avaliações.



**Figura 05: Exemplo de comunicação multimodal na postagem 2**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou discutir de forma qualitativa a violência discursiva através do poder simbólico na conversação sobre dominação e gênero no Facebook. Discutimos, baseados em observações qualitativas, de que forma esse discurso feito através das interações articula o poder e violência simbólica e como é percebido pelos usuários através de duas postagens em duas fanpages: “Não aguento quando” e “Tubby App”. Através de uma análise do discurso mediado por computador - CMDA (HERRING, 2004 e 2012), observamos que existem diferenças nos discursos conforme a característica das fanpages. A primeira por se tratar de um espaço de desabafo e denúncias tem características mais uniformes baseadas nas normas de polidez (GOFFMAN, 1967).



Diferente da segunda postagem onde o grupo é heterogêneo, logo com muitas dificuldades de se manter nas normas de polidez, ocasionando a violência simbólica através da interação. É importante lembrar mais uma vez que o aplicativo Tubby nunca chegou a ser lançado. Ele se tratou apenas de uma fanpage para divulgar o lançamento do suposto aplicativo. Porém, depois de algumas semanas de divulgação na fanpage os criadores fizeram um comunicado que se tratava de uma campanha pela não objetivação das pessoas. Com o objetivo de refletir a atitude de aplicativos, neste caso o Lulu, onde incentiva essa prática de avaliação e de exposição da intimidade. As interações nos apresentam exemplos das características presentes na internet. Pois, todos os discursos persistem na rede e podem ser buscáveis. Essas buscas podem ser feitas por perfis que representam as audiências invisíveis, aquelas tem quem acesso, mas não enxergamos. Contudo, esses materiais com atributo muitas vezes negativo e violento pode ser reaplicado para mais usuários terem acesso às informações.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. – 9ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1967.
- HERRING, S. C. **Computer-mediated discourse**. In D. Schiffrin, D. Tannen, & H. Hamilton (Eds.), *The Handbook of Discourse Analysis* (pp. 612-634). Oxford: Blackwell Publishers, 2004 e 2012. Disponível em: <<http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmd.pdf>> (Acesso em novembro de 2013).
- ODÁLIA, Nilo. **O que é violência?** São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1985.
- RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RECUERO, R. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- RECUERO, R. **Atos de ameaça à Face e à Conversação em Redes Sociais na Internet**. In: Primo, Alex (Org). *Interações em Rede*. Porto Alegre: Sulina. (pp. 51 -69), 2013.
- ZAGO, Gabriela da Silva **Da Circulação à Recirculação Jornalística: filtro e comentário de notícias por interagentes no Twitter**. In: Primo, Alex (Org). *Interações em Rede*. Porto Alegre: Sulina. (pp. 211 - 231), 2013.